



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A Comunicação e suas Conexões: o *Design* de Signos¹

Daniele Fernandes da Silva²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

Este artigo pretende discutir qual o papel do Estado no favorecimento ou no bloqueio da pesquisa sobre as conexões entre a Comunicação e outras disciplinas que lhe possam ser correlatas. Disciplinas tais que possam contribuir para modificar a abrangência do campo comunicacional. Para isso, pretendemos usar como exemplo a relação entre o *design* em hipermídia, especificamente, e a comunicação, fazendo uso principalmente do conceito de signo em Peirce e dos conceitos de Máquina de Guerra e Aparelho de Estado, presentes da obra de Deleuze e Guattari.

Palavras-chave

Comunicação; Semiótica; Design; hipermídia; Máquina de Guerra.

Corpo do trabalho

Pretendemos discutir aqui a Comunicação como *Design* de signos. *Design* é aqui pensado como projeto, desígnio, intenção. Desde nosso ponto de vista, o campo da comunicação abrange o estudo e a produção, ou seja, o projeto de signos. Estes, relacionados ao *Design*, são aqui compreendidos como algo capaz de traduzir um pensamento ao assumir determinada configuração, sendo, então, propulsores do processo evolutivo do conhecimento. Ou seja, a comunicação produz signos intencionados a dizer algo que produza modificações cognitivas. Tais modificações acontecem quando aquele a quem o signo foi destinado, o receptor, consegue alterar, por meio deste signo, algum dos seus hábitos de pensar. Isso pode ocorrer quando a identidade da relação entre receptor, emissor e mensagem, sob algum aspecto, é questionada. Embora haja várias correntes teóricas da comunicação, todas parecem levar em conta a pertinência da relação entre os três elementos supracitados. A comunicação parece ser, em seu cerne, relacional. Não faz parte da natureza dela ser

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

² Graduada em Arquitetura pela Unesp, mestra em Comunicação e Semiótica pela Puc-SP, onde hoje é doutoranda. A tese em desenvolvimento tem como tema a ser explorado o *design* virtual como forma de comunicação na hipermídia. E-mail: cyberdany@gmail.com



estranque. Então, chegamos ao nosso principal questionamento: até que ponto devemos impor à Comunicação as normas institucionalizadas de um Aparelho de Estado, que tende a bloquear as relações; até que ponto devemos ceder a uma Máquina de Guerra nômade, que vive em prol do traçado de linhas de fuga? A questão nos parece muito mais ligada à coerência das relações do que ao bloqueio das mesmas. Para exemplificarmos, utilizaremos o caso do *design* em hipermídia.

Começemos por definir o que é signo. Adiantamos que nossa compreensão deste termo vem da definição de signo em Peirce. Para construirmos uma mensagem precisamos de uma linguagem, isto é, precisamos de um sistema de signos, seja ele qual for. E, em Peirce, “a teoria dos signos é uma teoria sîgnica do conhecimento”.³ Assim, percebemos nela possíveis relações com a Comunicação, tal qual a pensamos aqui. Vamos à definição:

Um *Signo* é qualquer coisa que está relacionada a uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de tal modo a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo objeto, e isso de maneira tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto da mesma forma, *ad infinitum*.⁴

Evidentemente selecionamos uma citação que, apesar do alto grau de abstração, pareceu-nos exemplar na semiótica peirceana, dentre as inúmeras definições que Peirce dá para este conceito. Por esta citação, não é difícil perceber três características importantíssimas para a nossa discussão: primeiro, o caráter relacional existente entre os três elementos, aliás, correlatos; segundo, o caráter processual infinito como um dado fundamental das relações sîgnicas; terceiro, a capacidade do signo de representar o objeto de maneira a produzir um efeito (interpretante) na mente interpretadora que seja também capaz de representar o mesmo objeto.

Desta definição de signo, podemos extrair um modelo para o estudo dos processos comunicativos. Como dissemos mais acima, apesar de todas as correntes de comunicação existentes, parece que existe uma condição básica: a necessidade de que tenhamos um emissor, um receptor e uma mensagem, o que está diretamente relacionado ao modelo clássico da teoria matemática da comunicação.⁵ De uma forma

³ Lucia SANTAELLA, A teoria geral dos signos, p. 19.

⁴ Charles S. PEIRCE *apud* Lucia SANTAELLA, A teoria geral dos signos, p. 29.

⁵ Cf. Winfried NÖTH e Lucia SANTAELLA, Comunicação e Semiótica, p. 36.



muitíssimo geral, temos, então, que a intenção do emissor é fazer chegar ao receptor um signo (mensagem) que traduza coerentemente algum aspecto do seu objeto, produzindo nesse receptor um interpretante também coerente com o signo e, conseqüentemente, com o objeto. Tanto signo, quanto objeto, quanto interpretante possuem natureza sígnica. Um interpretante pode, portanto, assumir o lugar lógico do signo e dar origem a uma nova cadeia semiótica; isso tende a acontecer infinitamente. Mas o signo não representa seu objeto por inteiro, condição, aliás, que os torna diferentes um do outro. Da mesma maneira, o interpretante também se difere do signo e do objeto. Assim, do ponto de vista lógico, o que temos são três entidades distintas que possuem, porém, um elo qualitativo – um mapa sempre mutante, que as mantêm dentro de uma coerência relacional.

Como pesquisadores de comunicação, cabe-nos o estudo e a experimentação das formas que pode assumir tal coerência. De uma maneira mais ampla, projetamos signos com a intenção de que eles sejam capazes de traduzir certas relações determinadas pelo seu objeto, de maneira a produzir um interpretante que também traduza o mesmo objeto não de qualquer forma, mas de uma maneira determinada por *aquela* signo. Estas relações devem ser coerentes, no sentido de que devem manter um todo capaz de se diferenciar do que lhe é externo; mas isto não quer dizer que elas devam ser imutáveis e insensíveis a tal exterioridade. Um signo que esteja relacionado a um determinado objeto deve representá-lo e não representar algum outro objeto, a não ser que a intenção seja, de fato, produzir ambigüidade. Mas é justamente a relação com o externo que permite discernir um limite, definir uma identidade. Conhecer, para Foucault, é discernir, é diferenciar⁶. Desde nosso ponto de vista, diferenciamos aspectos da realidade.

Ao fim e ao cabo, o que projetamos, são signos que carregam consigo a intenção de produzir conhecimento. Para tanto, tal signo deve produzir alguma mudança cognitiva. Alguma mudança de hábito deve ocorrer no intérprete, no receptor da mensagem. Se isso não acontece, será que podemos dizer que ocorreu efetivamente um processo comunicativo?

No início deste artigo dissemos que a mudança de hábito pode ocorrer quando a identidade da relação entre receptor, emissor e mensagem, sob algum aspecto, é questionada. Agora dizemos que este questionamento só pode vir do que não lhe é

⁶ Cf. Michel FOUCAULT, *As palavras e as Coisas*, p. 70-71.



idêntico, isto é, daquilo que é externo àquela relação específica. Por isso dissemos mais acima que o todo não pode ser insensível à exterioridade. A comunicação tem por condição básica uma relação entre três coisas distintas, relação de cada elemento com algo externo a si mesmo. Mas a identidade de todos os correlatos se modifica se um deles muda. Isso mantém a identidade do todo. Eles são distintos, entretanto, não são insensíveis uns aos outros; isto é justamente o que permite a flexibilidade, a evolução no tempo, dada pela sucessão de cadeias semióticas *ad infinitum*. Qual é, por exemplo, o objeto da física clássica e o da física quântica, embora todos tratem de uma “mesma” realidade física?

O signo, dissemos acima, carrega consigo aspectos do seu objeto, nunca a totalidade deste. Este objeto completo, o chamado objeto dinâmico, é inesgotável. Podemos ter acesso, sempre parcial, a ele por meio de seu objeto imediato, ou seja, pelo objeto tal qual representado pelo signo⁷. Daí decorre que o conhecimento do objeto dinâmico é um processo. Conforme vão emergindo signos dele, nosso conhecimento desse objeto vai aumentando, embora ele nunca vá ser esgotado. Quando um novo signo emerge, a relação habitual que temos com o objeto se modifica, devido ao conhecimento adquirido daquele objeto, por meio daquele novo signo. Podemos dizer que muda a relação que o receptor (ou intérprete) tinha com o objeto dinâmico daquela mensagem (ou signo), por meio do conhecimento de um novo aspecto deste (objeto imediato), selecionado e projetado pelo emissor da mensagem. Assim, podemos concluir que, pela mensagem, a relação do receptor com o emissor se modifica, esse receptor passa a compartilhar com o emissor outras informações, que modificam seu conhecimento acerca de determinado objeto.

Como exemplo de mudança nas relações entre emissor, receptor e mensagem, temos a hipermídia, uma generalização do termo hipertexto, para englobar todos os tipos de signo, não apenas os verbais. O termo *hipertexto* foi cunhado, na década de 60, por Theodor Nelson e diz respeito a uma forma de texto eletrônico, que torna possível a escolha de diferentes caminhos de leitura, por ser uma forma de texto não-sequencial, clamando por uma outra tecnologia da informação e outro modo de publicação. O hipertexto seria lido preferencialmente em uma tela interativa.⁸ Roland Barthes fala de hipertexto como uma textualidade ideal, como um texto composto por blocos de

⁷ Cf. Lucia SANTAELLA, A teoria geral dos signos, p. 55-59.

⁸ Cf. George P. LANDOW, Hypertext.



palavras (ou imagens), conectados eletronicamente por múltiplos caminhos, vínculos ou traços, uma textualidade eternamente inconclusa, descrita em termos de *links*, nós, rede, caminhos. Como uma galáxia sem começo. Acessada por várias entradas, sem hierarquia entre elas, um texto plural.⁹

Como se pode perceber, na própria noção de hipertexto transparece a noção de incompletude, de pluralidade e de falta de hierarquia. Na hipermídia as fronteiras entre emissor e receptor são borradas e a mensagem se torna uma multiplicidade. Não existe na hipermídia um texto pronto. A textualidade, construída por *links*, é baseada na experimentação, no rompimento da hierarquia e da linearidade. Nela, “navegar é preciso”. Tornamo-nos nômades, que vivem na desterritorialização, no contínuo abandono do território, seguindo, de acordo com os *links* que percebem.

O nomadismo é uma Máquina de Guerra que se opõe ao Aparelho de Estado. O principal ponto de diferença entre Máquina de Guerra e Aparelho de Estado talvez seja em relação à identidade: a forma-Estado tende a reproduzir-se idêntica através de variações de si mesma. A Máquina de Guerra só existe por sua própria metamorfose. O aparelho de Estado é vinculado à sua interioridade e a máquina de guerra, à exterioridade de uma linha de fuga.¹⁰ O Aparelho de Estado se preocupa em conservar sua identidade, reprimindo o questionamento de sua hierarquia arborescente. Da Máquina de Guerra, pelo contrário, faz parte o questionamento da hierarquia, a indisciplina e o perpétuo abandono.¹¹ Ainda: “o Estado mais inibe a experimentação do que a coroa”.¹² Experimentar é produzir novas conexões e, conseqüentemente, alterar a natureza de uma multiplicidade, transformando-a em outra; é romper a hierarquia, produzir diferença e não reproduzir a identidade. O nômade habita um itinerário:

(...) ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam ao contrário do que sucede com o sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o

⁹ Cf. George P. LANDOW, *Hypertext*.

¹⁰ Cf. Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI, *Mil Platôs*, p. 24.

¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 21.

¹² *Ibid.*, p. 31.

entre-dois tomou toda a consistência e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida nômade é *intermezzo*.¹³

Poder registrar o que pensamos e colocar à disposição para que outras pessoas tenham acesso, é um instrumento poderoso; entretanto, só equivale a uma reserva potencial, é um dado apenas quantitativo. Não garante uma ocupação nômade. Na *Web*, por exemplo, mais espaço potencial sempre poderá surgir e esse espaço aceitaria qualquer coisa. O mais comum é que não se construa uma Máquina de Guerra, mas um Aparelho de Estado. É mais “seguro” impor um modelo que siga uma lógica hierárquica pré-estabelecida do que perceber outras qualidades para *projetar signos* até então inexistentes. Assim, a hipermídia é usada muito mais para decalcar o livro, o mundo e o cérebro, segundo hábitos petrificados, do que para fazer o mapa de sua própria *a-significância* e, aí sim, se conectar com a maneira de ler, de viver e de pensar. É mais fácil reafirmar relações já existentes.

Podemos navegar por uma hipermídia para procurar algo. No entanto, navegar pode ser simplesmente lançar-se ao mar de *bits*. A saída de um labirinto hipermidiático está potencialmente em qualquer “parte”. É o que torna possível entrarmos nele, não para encontrarmos a saída, mas precisamente para nos perdermos. Ser nômade da hipermídia é navegar sem rota de navegação. É permitir-se perder, experimentar, é seguir o que aparece, o que salta aos sentidos, sem nenhum outro pressuposto que não seja ouvir, ver e tocar. Ser nômade é não buscar nada de antemão; é apenas perceber o que se encontra para poder agir. A Estética vem antes da Lógica. A atração exercida pelo ideal estético se vincula à lógica para fazer dela um processo¹⁴: é entender o que se percebe mais do que perceber o que se entende.

Entretanto, ambas são necessárias: *nomos* e *logos* se complementam. A Lógica soluciona os problemas que a Nomadologia inventa e não consegue resolver; quando aquela chega à solução, esta novamente intervém para fazer surgir um outro problema. A Nomadologia, portanto, não é contrária às estruturas lógicas, é contrária apenas à estagnação do conhecimento. A Lógica que propomos como um modelo coerente com a Máquina de Guerra é a Lógica da Linguagem ou Semiótica, por ser

¹³ Cf. Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI, *Mil Platôs*, p. 50-51.

¹⁴ Cf. Lucia SANTAELLA, *Estética*, p.190.



uma lógica alicerçada, em última instância, na estética.¹⁵ É neste sentido que dizemos que a Estética vem antes da Lógica

Encarar a comunicação como projeto de signos é levar em consideração uma tríade. Não falaremos aqui mais em emissor, receptor e mensagem, mas em três correlatos de um espaço nômade que se modificam mutuamente. A hipermídia, pelas próprias características do meio, torna possível explicitar a comunicação como *design* de multiplicidades sógnicas. Ela é capaz de traduzir o conceito de signo como multiplicidade. Os três: “emissor”, “receptor” e mensagem interagem, modificam-se mutuamente. Quem projeta a multiplicidade se modifica, seja por mecanismos técnicos de *feedback*, seja por levar em conta que está projetando uma mensagem que será, em parte, construída pelo itinerário traçado por seus possíveis *iteratores*; quem navega, segue por caminhos apenas sugeridos pela mensagem, modificando-se enquanto modifica a própria mensagem. Não há hierarquia ou fronteiras rígidas, mas existem relações que mantêm um todo coerente. Se um deles muda, seria incoerente que os outros não se modificassem.

Portanto, queremos chamar a atenção para importância da comunicação abrir-se a conexões externas, dada a sua própria natureza relacional e ao que pensamos ser o seu propósito primordial: produzir modificações cognitivas que gerem conhecimento. Lembramos que “Todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel”.¹⁶ Disciplinas que hoje se inserem em cortes epistemológicos distintos, podem, no futuro, com – e para – a evolução do conhecimento, convergirem, não necessariamente juntando-se, mas trazendo contribuições mútuas. Exemplos são abundantes; entretanto, o mais marcante para nós é justamente a convergência da Teoria Matemática da Comunicação e da Biologia no estudo do DNA. Diferentes signos são faces distintas de uma mesma realidade inesgotável para o conhecimento. Do nosso ponto de vista, o Aparelho de Estado deve assumir uma lógica processual que tem por função investigar a coerência de relações no itinerário do saber, e não bloquear de antemão as possíveis conexões. A ele cabe buscar a lógica para legitimar a expansão do território do conhecimento realizada pela Máquina de Guerra, e não insistir em reforçar antigas fronteiras que a experiência demonstra não serem mais suficientes. Resumindo: cabe

¹⁵ Cf. Lucia SANTAELLA, *Estética*, p. 119.

¹⁶ Michel FOUCAULT, *As palavras e as Coisas*, p. 65.



ao pesquisador de comunicação, isto é, àquele que projeta signos, pensar o que é a identidade da comunicação quando o que se está projetando é, em seu cerne, uma multiplicidade relacional que tem por intenção fazer continuar o processo do conhecimento. É por meio da modificação dessas relações, que a realidade vai sendo desvendada cada vez mais.

Referências bibliográficas

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 5.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.
- _____. *A teoria geral dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- LANDOW, George P. *Hypertext: the convergence of contemporary critical theory & technology*. <http://65.107.211.206/cpace/ht/jhup/contents.html> (acesso em: 22/03/2006)